

## HISTÓRIA EM TEMPOS DE CRISE: ANTICIENTIFICISMOS, REVISIONISMOS, NEGACIONISMOS

### HISTORY IN TIMES OF CRISIS: ANTICIENTIFICISM, REVISIONISM, DENIALISM

**Raquel CAMPOS**

<raquelmgcampos@ufg.br>

Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
Professora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), no Mestrado  
Profissional em Ensino de História (UFG) e na Faculdade de História (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2245138184521600>  
<https://orcid.org/0000-0001-7836-5745>

#### RESUMO

Elaborado para apresentar o tema da XIX Semana de História da UFG – “História em tempos de crise: anticientificismos, revisionismos, negacionismos” – este texto foi lido na Mesa de Abertura do evento, ocorrida online em 07 de dezembro de 2020. Ele se estrutura a partir do estabelecimento de um paralelo entre dois momentos de crise: de um lado, o período entre o final da década de 1980 e o início dos anos 2000, marcado por uma crise do paradigma científico da história; e, de outro, a conjuntura atual, caracterizada por uma crise de confiança na ciência enquanto bem e enquanto valor. Por meio desse paralelo, trata-se não só de evidenciar as especificidades de cada um desses dois momentos, mas também de apresentar a perspectiva da Comissão Organizadora da XIX Semana de História quanto aos modos de enfrentar a crise atual: por meio de um diálogo para além das fronteiras da história e, mais ainda, para além das ciências humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência histórica; Crise de paradigmas; Confiança na ciência; Interdisciplinaridade.

#### ABSTRACT

Prepared to present the theme of the XIX UFG History Week - "History in times of crisis: anti-scientism, revisionism, denialism" - this text was read at the Opening Table of the event, which took place online on December 7, 2020. It is structured from the establishment of a parallel between two moments of crisis: on the one hand, the period between the end of the 1980s and the beginning of the 2000s, when took place a crisis of the scientific paradigm of history; and, on the other hand, the current situation, which can be characterized by a crisis of confidence in science as a value. This parallel offers not only a way of highlighting the specificities of each of these two moments, but also of presenting the perspective of the Organizing Committee of the XIX History Week: to face the current crisis, historians must look for a dialogue beyond the borders of history and, even more, beyond the borders of human sciences.

**KEYWORDS:** Science of history; Crise of paradigms; Confidence in science; Interdisciplinarity.

Boa noite a todas e a todos! Minhas saudações ao nosso diretor, prof. Eugênio Rezende de Carvalho, à minha colega de Comissão Organizadora, Maria Eduarda Ribeiro, e ao



secretário da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (FH/UFG), Marcos Vinícios Miranda, que está nos auxiliando na transmissão desta noite.<sup>1</sup>

“A história em tempos de crise”: neste título, reverbera, talvez sem que todos o saibam, ecos de um outro tempo, não tão distante. Um editorial da revista “Annales”, de março a abril de 1988, falava em “tempo das incertezas”. Naquele momento, as incertezas eram indissociáveis das transformações epistemológicas por que passava a disciplina da história – o que levou alguns a traçar mesmo um diagnóstico de crise, de crise do paradigma científico da história (LES ANNALES, 1988).

Incertezas e crise remetiam, então, à perda de primazia do marxismo, do estruturalismo e da quantificação. Desapareciam os modelos de compreensão e os princípios de inteligibilidade que haviam sido, de modo geral, aceitos pelos historiadores a partir dos anos 60. O objeto do conhecimento histórico, definido até então como as estruturas e os mecanismos que organizam o mundo econômico e regulam as relações sociais, para fora e além de qualquer consciência subjetiva, passava por uma mutação. Questionava-se a predominância do método quantitativo, da serialização, da estatística e de seu poder de formular relações gerais (Ibid., 1988).

Tais modificações eram oriundas de um desejo dos historiadores de restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Por meio de um forte diálogo com novas abordagens sociológicas e antropológicas, procurava-se redefinir o objeto da história, que deixava de ser as estruturas e os mecanismos reguladores das relações sociais, para se tornar as racionalidades e as estratégias mobilizadas pelos sujeitos históricos, fossem eles indivíduos ou grupos familiares, parentelas, comunidades. Em lugar de um esforço por reconstituir o peso de determinações econômicas e sociais que ignoram e são mesmo ignoradas pelos indivíduos, tratava-se de buscar examinar o modo como eles conseguiam manobrar por entre os espaços, por vezes minúsculos, também abertos por elas. Em lugar das regras impostas, tratava-se de investigar suas aplicações inventivas. O poder de negociação, de transação, de invenção dos sujeitos assumiu um lugar central nas análises dos historiadores. Foi no bojo desse processo que nasceu a Micro-história, com sua proposta de reduzir a escala de observação e compreender, por meio do exame

---

<sup>1</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ocOFPwfcERQ>



de uma trajetória singular, normal porque excepcional, tanto os sistemas normativos de uma sociedade como suas contradições e fissuras, espaços abertos às estratégias individuais (CHARTIER, 1994).

Um segundo grande desafio enfrentado, naquela altura, pelos historiadores, disse respeito à sua conscientização quanto ao caráter narrativo do discurso histórico. Obras de historiadores, como Michel de Certeau (2007), ou de filósofos, como Paul Ricoeur (1994) e Jacques Rancière (2014), obrigaram a reconhecer que a história é, também ela, um gênero narrativo. Desse modo, foi abalada a certeza de que a disciplina superara sua proximidade incômoda com a fábula, em seu combate vitorioso contra uma história dos acontecimentos, centrada na narrativa dos feitos dos heróis, fundada no privilégio da política, do Estado, do poder. Tornou-se claro, então, que a “nova história”, com suas entidades anônimas e abstratas, sua temporalidade construída, sua capacidade explicativa própria, não era menos narrativa do que a “velha história”, com seus grandes homens, sua subordinação ao tempo espontâneo da consciência, seu recurso ao caráter autoexplicativo da narração.

Dessa constatação emergiu, porém, uma contestação: a da existência de qualquer distinção possível entre a história e a ficção. Ambas proporcionariam um conhecimento da mesma natureza – inventado, tanto quanto descoberto –, razão pela qual as narrativas históricas teriam muito mais em comum com a literatura do que com a ciência. Seria até mesmo ilusório pretender examinar as obras dos historiadores segundo critérios epistemológicos. Caberia, antes, analisar suas propriedades formais, identificar as figuras retóricas que comandam os modos possíveis da narração e da explicação históricas. O historiador norte-americano Hayden White (1992; 1994) foi o grande nome dessa perspectiva.

Contra esse questionamento do poder da história de produzir um conhecimento válido e controlável do passado, buscou-se evidenciar as especificidades da narrativa histórica. Em primeiro lugar, tratou-se de lembrar, nas palavras de Roger Chartier (1994, p. 110), que “[...] a ambição do conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica”. Ela funda operações específicas da disciplina. Assim, “[...] mesmo que escreva de uma maneira ‘literária’, o historiador não faz literatura [...]” (Ibid., p. 110), como Chartier também salientou, em um texto famoso, de 1994, que nos serve aqui de roteiro. Ele não o faz, porque a história, diferentemente



da literatura, é marcada por uma dupla dependência – em relação ao arquivo, enquanto conjunto de vestígios do passado; e em relação aos seus critérios de cientificidade e às operações técnicas que lhe são próprias (Ibid., 110-111). Pois é preciso reconhecer as singularidades do paradigma científico da disciplina, segundo as lições de Michel de Certeau. Em outras palavras, a história produz enunciados “científicos”, se entendermos por isso não só o “paradigma galileano”, matemático e dedutivo, mas também, nas palavras do autor de “A escrita da história”, “a possibilidade de estabelecer um conjunto de *regras* que permitem ‘controlar’ operações proporcionais à *produção* de objetos determinados” (CERTEAU, 1975 apud CHARTIER, 1994, p. 111).

Por meio dessa reafirmação de sua ambição fundadora de verdade, por meio da reflexão acerca do específico da compreensão histórica, os historiadores procuraram e conseguiram fazer frente às ameaças que então pairavam sobre a disciplina. No prefácio a uma obra de 2013, com pretensões de balanço sobre a produção historiográfica da primeira década do século XXI, o historiador francês Christophe Granger (2013, p. 15) jogou a pá de cal no que chamou, ali, de “ogro narrativista”.

2013. O ano não poderia ser mais simbólico. Foi há pouco e parece se tratar já de uma outra época. Se relembramos aqui, hoje, essa história um pouco envelhecida, e já demasiado conhecida, de quando a história esteve “À beira da falésia” (CHARTIER, 2002), isso se deve a duas razões. Por um lado, para que saibamos que esta não é a primeira crise enfrentada pelo conhecimento histórico. E, se se arrastou por cerca de vinte anos, o “tempo de incertezas” terminou com ganhos importantes para a autocompreensão da disciplina e seus padrões específicos de cientificidade. Por outro lado, o exemplo do passado serve-nos, aqui, para identificar as singularidades de nosso próprio “tempo de crises”.

Diferentemente do que ocorreu nas últimas décadas do século XX, não estamos diante de uma mutação importante no paradigma científico da história. Mesmo assim, esta crise atual ameaça, não menos, sua pretensão e seu poder de oferecer uma representação confiável e controlada do passado. Não porque se esteja reabrindo o questionário sobre uma poética do saber. Estamos, isto sim, vivendo uma crise da ciência enquanto bem e enquanto valor. Em face dela, não basta que reafirmemos o regime de cientificidade próprio da história, contra todas as



alegações de total equivalência entre os discursos sobre as realidades passadas. Pois não estamos diante apenas dos revisionismos do passado, dos negacionistas da história, de assassinos da memória, com quem os historiadores têm se havido nos últimos quarenta anos e mais fortemente na última década. Estamos diante de um anticientificismo avassalador, de diversos negacionismos da ciência, de concertos revisionistas que denegam a veracidade do conhecimento científico.

## **XIX SEMANA DE HISTÓRIA**

Esta novidade nada animadora do nosso “tempo de crises” explica o tema eleito para esta edição da Semana de História. E explica também sua excepcional abertura para o diálogo com cientistas de outras áreas. A aposta da Comissão Organizadora da XIX Semana de História é a de que parar “a máquina de guerra cética”, para retomar a expressão de Carlos Ginzburg (2002), passa necessariamente por uma reflexão para além das fronteiras da nossa disciplina, para além, inclusive, das ciências humanas. Trata-se de defender a necessidade de um esforço conjunto para compreender a história, as razões e os agentes desse ataque sem paralelos à ciência. E trata-se, igualmente, de buscar saídas para esta crise, de refletir sobre os modos capazes de reconstruir, uma vez mais, a confiança e o prestígio do conhecimento científico. Convidamos a todas as pessoas, desse modo, a reafirmar nosso compromisso comum, enquanto cientistas e enquanto cidadãos e cidadãs, com a criação de condições para que um número cada vez maior de pessoas possa se apropriar, de fato, desse bem que pertence, de direito, a toda a humanidade: a ciência.

Esta edição da Semana de História não fez da crise apenas o seu tema, tendo sido também diretamente atingida por ela. No caso, pela crise sanitária, que tem nos obrigado a todos à adoção de um formato online, para que possamos manter viva e atuante a universidade. Essa outra novidade impôs uma série de desafios à Comissão Organizadora e tornou este evento um empreendimento ainda mais coletivo do que nos anos anteriores. Não poderíamos, assim, deixar de agradecer aqui a todos aqueles e aquelas que o têm tornado possível. Além de aos nossos conferencistas e palestrantes, gostaríamos de agradecer aos professores mediadores, aos organizadores de mesas-redondas e aos proponentes de Simpósios Temáticos. Esta edição exigiu também, mais do que nunca, que recorrêssemos aos apoios fundamentais oferecidos, uma vez mais e como sempre, pela Faculdade de História e pelo Programa de Pós-Graduação em História



da UFG, a quem endereçamos igualmente nossos sinceros agradecimentos. Registro também o apoio constante da seção de Goiás da Associação Nacional de História (ANPUH), na divulgação do evento, desde o primeiro momento. Nossos agradecimentos à direção da nossa associação.

Por outro lado, a novidade no formato da Semana de História permitiu que esta XIX edição alcançasse um público sem paralelos na história do evento. Recebemos, até o momento, cerca de 1.500 inscrições de ouvintes, mais de 500 em minicursos e 380 em comunicações em Simpósios Temáticos. Com números tão grandiosos, é claro que este evento não poderia ocorrer se não fosse pela disponibilidade e ação dos monitores e monitoras, que aceitaram nosso convite para participar da organização da XIX Semana de História. É deles e delas que depende e dependerá a boa condução de nossos trabalhos, nos 28 simpósios temáticos e 8 minicursos que se desenrolarão ao longo de toda a semana. Nosso muito obrigado a todos e todas vocês.

Por último, mas não menos importante, quero parabenizar e agradecer a cada um dos discentes que compuseram, ao meu lado, a Comissão Organizadora. Os graduandos em História Emanuel Borges Correia, Gabriela Marçal da Costa e Vitória Oliveira de Faria Sousa e as mestrandas Ana Cláudia Costa, Gabriela Santos Almeida, Gabriella Monteiro Vieira e Maria Eduarda Ribeiro da Silva, do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFG) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFRJ), trabalharam intensa e incansavelmente desde setembro deste ano para que a XIX Semana de História pudesse ocorrer. Se estamos aqui hoje, neste 07 de dezembro de 2020, se teremos uma semana prometedora de belas e múltiplas interlocuções e discussões, isso se deve, em grande parte, ao esforço hercúleo de cada um deles, e creio que eu possa também dizer, de cada um de nós. Como testemunha primeira desse engajamento tão forte, quero dizer a cada um e a cada uma: obrigada e parabéns! Vocês têm motivos de sobra para se orgulhar!

Gostaria, finalmente, de declarar aberta a XIX Semana de História e desejar a todos e a todas uma ótima participação no evento. Muito obrigada!

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.



CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, v. 7, n. 13, p. 100-113, jan./jun. 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

GINZBURG, Carlos. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRANGER, Christophe. Ouverture: science et insouciance de l'histoire. In: \_\_\_\_\_. *A quoi pensent les historiens: faire de l'histoire au XXI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Éditions Autrement, 2013. p. 15.

LES ANNALES. Histoire et sciences sociales: un tournant critique? *Annales: économies, sociétés, civilisations*, Paris, ano 43, n. 2, p. 291-293, 1988. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1988\\_num\\_43\\_2\\_283489](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1988_num_43_2_283489). Acesso em: 29 out. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: um ensaio de poética do saber*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. 3 v.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.





## **SOBRE A AUTORIA**

### **Raquel CAMPOS**

Professora da Faculdade de História, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás e do Mestrado Profissional em Ensino de História, do qual é a atual vice coordenadora. Fez pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2019-2020). Foi bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado - PNPd/CAPES, junto ao PPGH-UFG, entre 2014 e 2016. Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014), tendo realizado estágio de doutoranda na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, no ano 2012/13. Possui mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2009) e graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2003). É membro do conselho editorial da "Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos" e do conselho consultivo da Revista de História da UEG. É uma das coordenadoras do Laboratório interdisciplinar de História e Literatura (LIHLIT), ligado às Faculdades de História e de Letras da UFG. É membro do grupo de pesquisa ARS - Arte Realidade Sociedade, da Fundação Biblioteca Nacional. Foi membro do corpo editorial da Ars Historica: revista do corpo discente do PPGHIS-UFRJ, em 2010/11. Esteve de licença-maternidade entre agosto de 2017 e fevereiro de 2018. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: Machado de Assis, história da literatura, teoria da história e historiografia.

*Submissão: 25 de abril de 2022*

*Avaliações concluídas: 23 de maio de 2022*

*Aprovação: 23 de maio de 2022*

## **COMO CITAR ESTE ARTIGO?**

CAMPOS, Raquel. História em tempos de crise: anticientificismos, revisionismos, negacionismos. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 22, n.1, p. 01-08, jan./jun., 2022. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>